

APRESENTAÇÃO

"...tanto a fotografia quanto o filme ou vídeo e o som registrados enraízam-se no interior da consciência imaginativa daquele que é o criador, razão pela qual a imaginação é a recondução dos objetos sensíveis no mundo das ideias e vice-versa: expressividade dos gestos, a restituição de uma atmosfera, a transmissão das emoções etc."

Gilbert Durand

Nesta edição a *Nova Revista Amazônica*, se propôs a articular duas formas de linguagens cujos significados são bastante carregados de debates e controvérsias no contemporâneo, principalmente quando se trata de refletirmos sobre a sua utilização simultânea na construção textual no campo acadêmico, quais sejam: a linguagem escrita e a linguagem imagética. Assim, a proposta do número 8 com a temática "DOSSIÊ IMAGEM: Sobre o Estatuto e os Usos das Imagens nas Pesquisas Contemporâneas" é a de instaurar o debate acerca do estatuto e dos usos das imagens em pesquisas acadêmicas em diferentes áreas do saber, que considerem a potência das imagens não apenas como viabilidade hermenêutica de realizar leituras interpretativas acerca do mundo e de seus fenômenos, mas, também, de propor narrativas e narratividades estético-visuais a partir desta mesma potência que sejam capazes de ir além da visualidade *per se*, para adentrar no imaginário como possibilidade sensível de acessar o real, ou ainda, de contribuir para as reflexões sobre o falso problema da oposição entre real e imaginário.

Desta forma, aceitou-se trabalhos detentores de distintas formas narrativas estético-visuais e literárias, sob as formas de artigos, de ensaios fotoetnográficos e de pequenos vídeos etnográficos, cujo escopo alcançassem amplo horizonte reflexivo e, assim, contribuíssem para ampliar os campos de estudos sobre a imagem não apenas no contexto amazônico, mas brasileiro. Os trabalhos indicam vetores de reflexão envolvendo as discussões teóricas bibliográficas, distribuindo-se das pequenas comunidades às grandes cidades, portanto, fazem referência às paisagens diversas e apontam para as interações humanas e não-humanas. Uma empreitada intelectual e sensível desta ordem, possibilitou a abertura de espaços reflexivos instigantes, principalmente para pensarmos, mediante o papel heurístico das imagens e o entrelaçamento de alteridades, novos caminhos para o exercício de uma hermenêutica dessas imagens em nossos ofícios acadêmicos.

Cada trabalho problematizou a sua maneira o tema proposto e, a partir de suas motivações, trouxe em seus matizes modos de compreensão e de relação com realidades contextuais que são enriquecedoras do debate, evidenciando que, para além de seus propósitos diversos, estão vinculados à pesquisa, como modo de produção e de veiculação de conhecimentos e reflexões proficuas.

Neste sentido, aproveitamos e manifestamos nosso pensar de que as linguagens escrita e imagética, precisam estar embebidas em certa educação do olhar, para que esta "alquimia" faça girar, em cadeia criativa, não apenas conhecimentos, ou o desenvolvimento de formas artísticas e novas possibilidades culturais, mas um público capaz de perceber esta díade - escrita e imagética - em suas amplas dimensões éticas, estéticas, interpretativas e reflexivas, portanto, como um desafio epistemológico para os nossos dias.

Neste número temos a novidade que denominamos de crônica etnográfica em que a cronista Maria do Socorro Braga conta os momentos em todos estavam a arrumar seus instrumentos de pesca para sair pelo mar e aventurar-se entre os enormes banzeiros que aparecem quando mar é forte e agitado pela força dos ventos. Se a canoa boia, chega a hora de pescar.

Apresentaremos também 8 ensaios etnofotográficos ou fotoetnográficos onde oportunizaremos as interpretações pessoais dos leitores em relação a estas categorias. Adiantando que a revista segue o entendimento de Spini que a etnofotografia sustentaria mais a leitura antropológica a partir da valorização da imagem etnográfica.

Assim, José de Sena Filho apresenta a complexidade da ação, em perspectiva etnofotográfica, quando narra parte do processo de construção da Intervenção de Arte realizada nas duas cidades mais importantes, política e economicamente da Amazônia Marajoara: Soure e Breves. A experiência artística e cultural teve como resultado o documentário intitulado Teatrinhos Elétricos Itinerantes

Indira Angela Luza Eyzaguirre, apresenta um ensaio a partir de sua experiência numa comunidade ribeirinha localizada no rio Arumanduba, uma das 72 ilhas do município de Abaetetuba, e de uma comunidade praiana localizada em Quatipuru Mirim no município de Tracuateua. A autora como alguém que observa o mundo de epistemes misturadas - interiorano e cidadão - num encontro com outras formas de pensar evidenciados nos costumes do cotidiano, mediante a sua curta, mas intensa, convivência nessas duas comunidades.

Geraldo Barbosa de Oliveira Junior, mostra a experiência que obteve a partir do convívio com os Macuxi, quando teria ido além da necessidade etnográfica, pois construiu um espaço de convivência e de admiração pelo povo Macuxi.

Cristiane do Socorro Gonçalves Farias fala da presença muito forte das crianças, principalmente dos momentos das brincadeiras no rio: a hora do banho no rio. Não como um rito obrigatório, mas como algo que sempre ocorre como prática cotidiana, sem tornar-se obrigação para eles, mas um acontecimento lúdico.

Fernanda Valli Nummer, evidencia as mudanças institucionais que a polícia militar vem passando nas últimas décadas mediante as políticas de proximidade com a população, o aumento da escolaridade exigida nos concursos de ingresso na profissão, as críticas aos excessos cometidos dentro da corporação em nome dos ideais da disciplina e da hierarquia que seriam próprios à militarização.

Márcia Bezerra, sinaliza como as coisas do passado afetam a vida de moradores do entorno de sítios arqueológicos em vários aspectos: elas podem provocar “visagens”, trazer doenças e má sorte, mas também podem ser reunidas em pequenas coleções domésticas, e até incorporadas às brincadeiras infantis.

Ana Mabell Seixas Alves Santos e Patricia Seixas Alves Santos relatam uma caminhada de luto e luta para pressionar o Estado Argentino a agir de forma eficaz no combate à violência contra a mulher e na punição aos agressores.

E Yuri Schönardie Rapkiewicz e Guillermo Stefano Rosa Gómez que fizeram um mergulho nas camadas do tempo, vivenciadas e transmitidas por sujeitos que narram uma cultura operária, dos múltiplos ofícios que integram e integraram o sistema ferroviário brasileiro.

Nosso grande desafio foi apresentar 5 vídeos etnográficos numa atitude de ousadia, expandindo e utilizando mais uma ferramenta imagética em busca de diversidade de leituras antropológicas.

Desta forma, Daniel S Fernandes trabalhou com o cotidiano de uma família no trabalho agrícola e sua interação doméstica pelos “silêncios”. Na Comunidade de Areia Branca, no município de Santa Izabel do Pará/PA.

Maria do Socorro Reis mostra a relação de uma família com o dia da iluminação (finados). Suas crenças relacionadas com a morte e a vida. Na sede do município de Bragança/PA

Jocenilda de Sousa e Maria do Socorro B Reis apresentam alguns dos saberes que fazem parte do cotidiano de moradores de uma comunidade tradicional, na Vila Que Era, no município de Bragança/PA.

Aline Costa da Silva e Lorrain Tyson dos Santos Araújo visibilizam a história de Antônio Maria Macêdo que faz parte da terceira geração de uma família de descendência portuguesa que trabalha na produção da chamada cerâmica caeteuara, em uma comunidade conhecida por Fazendinha, no município de Bragança/PA.

E finalmente, temos o resultado de uma Oficina de Vídeo Etnográfico realizada pelos integrantes do Grupo de Pesquisa Antropologia das Paisagens: memórias e imaginários na Amazônia, cuja intenção era a de captar situações etnográficas em Belém e, a partir daí produzir uma narrativa etnográfica por imagens, a fim de refletirem sobre as interações entre humanos e não-humanos no contexto da Pedra do Peixe, no Ver-o-Peso, na cidade de Belém.

Queremos que nossos leitores se encantem e se sirvam dos referenciais e das temáticas abordadas em cada trabalho, de maneira que possam, também, se tornarem catalisadores da importância heurística da interação das linguagens escrita e imagética na produção do conhecimento na Contemporaneidade.

Bragança, 20 de Dezembro de 2016

Dr. Daniel dos Santos Fernandes

Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira